



EDITORIAL

MEMÓRIAS E CELEBRAÇÕES

Há períodos no calendário que são convite a que recordemos acontecimentos especiais que marcam a vida dos povos.

Outros são permanentes, pelo que quase os ignoramos.

Ea muitos deles - se, e quando possível - quero estar atento para que os nossos horizontes sejam abertos aos apelos da Humanidade.

Vamos evocar algumas dessas realidades porque o combate à indiferença faz parte dos meus projetos culturais permanentes.

Muitos outros poderiam ser referidos como, por exemplo, o facto de na primeira semana de maio se prever que esgotaremos os recursos ambientais previstos para o ano em curso: um alerta para o nosso comportamento de cidadania.

Cada texto desta edição especial, de 12 páginas, foi pensado como partilha que nos estimule.

Com a proximidade do período estival, desejo que os leitores possam realizar, com saúde, muitos dos ideais que os animam.

Eu irei continuar a reforçar os elos de ligação com todos os que me acompanham.

Até breve!

O Olhar do Mocho



CANÇÃO DE PRIMAVERA

Eu, dar flor, já não dou.
Mas vós, ó flores,
Pois que Maio chegou,
Revesti-o de clâmides de cores!
Que eu, dar, flor, já não dou.

Eu, cantar, já não canto.
Mas vós, aves,
Acordai desse azul, calado há tanto,
As infinitas naves!
Que eu, cantar, já não canto.

Eu, Invernos e Outonos recalçados
Regelaram meu ser neste arrepio...
Aquece tu, ó sol, jardins e prados!
Que eu, é de mim o frio.

Eu, Maio, já não tenho.
Mas tu, Maio,
Vem com tua paixão,
Prostrar a terra em cálido desmaio!
Que eu, ter Maio, já não.

Que eu, dar flor, já não dou;
cantar, não canto;
Ter sol, não tenho;
e amar...
Mas, se não amo,
Como é que, Maio em flor,
te chamo tanto,
E não por mim assim te chamo?

José Régio



VAMOS CONHECER A ERVA-PATINHA

A erva-patinha ou erva-do-calhau, como é conhecida nos Açores, é uma erva do mar, ou seja, é uma alga bastante popularizada na alimentação, principalmente nas ilhas das Flores e do Corvo.

No Continente, o consumo de algas não tem expressão, contrariamente ao que acontece no Japão, na Coreia ou na China. Neste último país há registos sobre o consumo desta alga desde o século VI.

O litoral português com uma extensão de 830 km tem uma flora algal muito apreciável e é uma pena não aproveitarmos o que a natureza generosamente nos oferece. As algas constituem um alimento natural com elevado valor nutritivo, mas baixo em calorias e pobres em gorduras. São ideais para corrigir carências nutricionais originadas pela inadequada alimentação atual, graças ao seu variado leque de minerais, proteínas (que incluem todos os aminoácidos essenciais), vitaminas e fibras.

Fiquei mais desperto para esta realidade quando há tempos participei num curso prático sobre algas marinhas que culminou com uma saborosa degustação em Peniche. Aprendi a conhecer algumas e a utilizá-las na alimentação corrente. A que mais me agradou foi a erva-patinha que é do género *Porphyra spp*, pertencente ao grupo das algas vermelhas pluricelulares, integradas na família botânica das *Bangiáceas*. O género *Porphyra* conta com mais de 70 espécies cosmopolitas, espalhadas desde os mares tropicais até às zonas polares. Julgo que as que recolhi, quer na praia da Consolação (Peniche), quer na praia das Maças (Sintra) se designam por *Porphyra umbilicalis*, dado se prenderem às rochas por meio de uma espécie de pequeno disco semelhante a um umbigo.

No Japão é intensamente cultivada outra espécie de alto valor comercial, a *Porphyra tenera*, conhecida por *nori* que, após seca e prensada, serve para enrolar o arroz e o peixe que compõem o famoso “sushi”. Na Europa, a *Porphyra* tem apreciável consumo nos países célticos principalmente em Gales, Escócia e Irlanda. Quando visitei a Escócia adquiri o livrinho “Food



For Free”, onde se destaca a “Laver” (nome em inglês) com a receita do “laverbread” galês. A alga é cozida durante várias horas e depois é transformada num puré gelatinoso a que se juntam flocos de aveia. Serve também para confeccionar vários pratos de peixe ou marisco, em forma de molho ou pataniscas, como se faz nos Açores.

A composição química desta alga revela a existência dos seguintes elementos: cálcio, fósforo, magnésio, potássio, sódio, ferro, iodo, provitamina A, vitaminas do complexo B, vitamina C, vitamina E, proteínas, ómega 3 e ómega 6.

Diz-se que o seu teor em provitamina A é o triplo do da cenoura. Por isso é recomendável para a proteção da vista, sobretudo para quem tem problemas com a visão noturna. Também é ideal para cuidar da pele, das mucosas e abrandamento das rugas.

A existência de ómeegas 3 e 6 ajuda a baixar o colesterol.

Os polissacarídeos inibem o desenvolvimento de tumores.

A sua boa digestibilidade e as fibras facilitam o regular funcionamento dos órgãos intestinais.

Ainda com reduzida experiência, na primeira vez que utilizei esta alga, sequei-a no forno solar e pulverizei-a para temperar a comida em substituição do sal. Leia-se: cloreto de sódio, cujo excesso é um dos principais males da cozinha portuguesa. Análises revelaram que em 100 gramas de erva-patinha, há 940 mg de sódio e 2030 mg de potássio. Portanto, aconselhável, sobretudo, para quem sofre de hipertensão.

No tradicional almoço natalício da Sociedade Portuguesa de Naturalogia que em 2014-12-14 juntou cerca de 60 comensais, a erva-patinha foi cozida com o arroz integral. Estava, em minha opinião, uma delícia.

Para finalizar e na esteira do que tenho vindo a aconselhar nestas simples crónicas, proponho a crescente diversificação dos nossos consumos alimentares, fugindo dos padrões consumistas estereotipados e educando os paladares para comidas saudáveis, de que as algas constituem, indubitavelmente, um excelente manancial a explorar cuidadosamente.

Miguel Boieiro

Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Naturalogia



RUA AUGUSTA

Vamos à descoberta da origem do seu nome, porque esta artéria guarda História e histórias do século XVIII até ao presente. Tantas vezes já dissemos “Rua Augusta” que nos esquecemos de perguntar a nós mesmos: “Mas afinal, quem é a Augusta?”. Pois bem, o nome completo da Rua Augusta é Rua da Augusta Figura do Rei, uma homenagem ao monarca D. José I, figura retratada na estátua equestre da Praça do Comércio.

Este rei foi também o responsável pela inauguração da prática de atribuição de nomes de ruas por decreto. Foi da sua responsabilidade a Portaria de 5 de novembro de 1760. Nesse documento estabeleceu-se, por um lado, a denominação dos arruamentos da Baixa lisboeta e, por outro, a distribuição dos ofícios e ramos do comércio pelas diferentes ruas da Baixa. Segundo o decreto, a Rua Augusta deveria alojar os mercadores de lã e de seda.

CASA MACÁRIO

No número 272 da Rua Augusta, a Casa Macário dedica-se ao comércio de bebidas, bombons, cafés, chás e chocolates. Na entrada, uma tabuleta indica “Please Don’t Clean The Bottles” (não limpe as garrafas) porque neste espaço as garrafas querem-se cobertas de pó para comprovar a sua história. É um dos lugares de referência para comprar vinho do Porto na Baixa, assim como produtos regionais e guloseimas. Mesmo à saída da loja, se olharem para o chão, vão ter uma surpresa: na calçada portuguesa, lê-se “Café, Chá e Chocolates 274 – 272”, simbolizando os produtos que ali se vendem, bem como os números das portas que a loja ocupa há já 110 anos.

ARCO DA RUA AUGUSTA

Idealizado pelo arquiteto Eugénio dos Santos, foi Veríssimo José da Costa que acabou por assinar o projeto numa construção que se revelou bastante atribulada. O Arco começou a ser construído em 1775 mas a primeira versão seria demolida em 1777, após a subida ao poder de D. Maria I e a demissão de Marquês de Pombal. Em 1873, retomou-se a edificação do Arco, num projeto de Veríssimo José da Costa aprovado em 1844, tendo as obras ficado concluídas em 1875. Para todos aqueles que já se questionaram sobre a inscrição em latim no topo, servindo de tributo ao Império Português, significa: “As Virtudes dos Maiores, para que sirva a todos de ensinamento”.

RUAS PARALELAS E PERPENDICULARES

O Marquês de Pombal, concebeu a Rua Augusta como eixo central de ligação entre a Praça do Comércio e a Praça D. Pedro IV (Rossio).

No entanto, são várias as ruas que a cruzam e rodeiam, todas com diferentes graus de importância, que podem ser averiguados pela sua largura e pela tipologia dos edifícios. As ruas paralelas mais importantes são: a Rua do Ouro, ou Rua Áurea, outrora reservada aos artesãos que trabalhavam este material precioso e aos relojoeiros; a Rua da Prata, antes chamada Rua Bela da Rainha (em homenagem à Rainha D. Mariana Vitória, casada com D. José I), que albergava os ourives da prata e livreiros; a Rua dos Fanqueiros, anterior Rua Nova da Princesa, dedicada aos comerciantes de fãncaria (comércio de tecidos), lençaria e quinquilharia.

Existem ainda outras três ruas paralelas à Rua Augusta mas, por serem de menor importância e dimensão, receberam nomes de profissões consideradas menos nobres: Rua dos Sapateiros, Rua dos Correeiros e Rua dos Douradores.

Todas as artérias transversais têm nomes de índole religiosa: Rua de Santa Justa, depois Assunção, Vitória, São Nicolau, Conceição, São Julião e Rua do Comércio, noutros tempos Rua Nova D’El Rei cujo nome foi alterado em 1910 com a Implantação da República.

Pesquisa de Leonor Pastor



H

PERCORRENDO A HISTÓRIA

A ROTA DA SEDA

O Rio Amarelo, com toda a potencialidade de seus terrenos, levou à sedentarização do povo chinês que ali encontrou a possibilidade de uma agricultura fértil.

Foi há mais de 4 700 anos que, por acaso, a Seda foi descoberta, .

Tal aconteceu quando LEI ZU, concubina do primeiro imperador chinês, tomava chá e lhe caiu na chávena um casulo de onde se desprenderam uns filamentos suaves, fortes e longos que podiam ser tecidos.



LEI ZU, DEUSA DA SEDA



Então, Lei Zu, mulher empreendedora, decidiu incrementar o desenvolvimento de florestas de amoreiras para alimentar os casulos de bichos da seda.

E, assim, se iniciou no império o ensino desta nova arte através da criação de teares.

O número de alunos foi crescendo, acompanhado com a proibição de ser revelado o segredo de como se efetuava a produção. E tal foi guardado por mais de 1 000 anos.

Quem não cumprisse a lei era condenado à morte.

A seda passou a ser um dos Símbolos do Estatuto Imperial. Só os seus membros podiam usar vestes com ela tecidos.

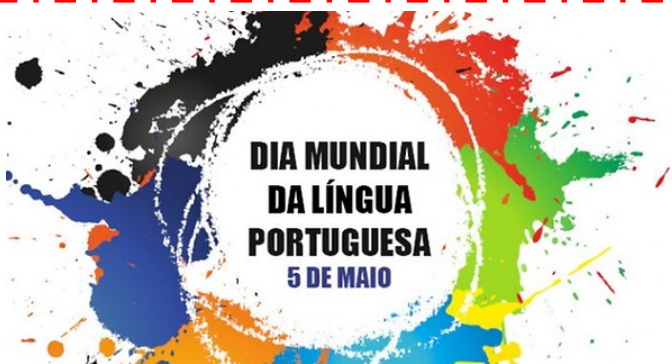
Mais tarde, seguiram-se as famílias nobres e, gradualmente, outras classes sociais.

Contudo, monges bizantinos violaram a lei, utilizando as suas bengalas de bambu para transporte de ovos que ofereceram a Justiniano, imperador romano oriental.

Constantinopla, capital do império de Bizâncio transformou-se, na sequência desta oferta, no primeiro centro de tecelagem da Europa.

E, na China, a seda passou a ser um dos meios económicos de pagamentos, bem como um canal de diplomacia.

E a arte da seda viajou para a Europa e chegou a Portugal...



* O Instituto Camões revela-nos que o Português é uma língua falada por 260 milhões de pessoas nos cinco continentes, mas que em 2050 serão quase 400 milhões e em 2100 mais de 500 milhões, segundo as estimativas das Nações Unidas. Será no continente africano que se registará o maior número de falantes.

* É a língua predominante no hemisfério sul, sendo a quarta mais falada no mundo, como língua materna.

* É língua oficial ou de trabalho de 32 organizações internacionais

* Na República Popular da China há 56 universidades que ensinam o Português com uma frequência de 5 000 alunos.

* É a quinta mais utilizada na internet, e a terceira ou quarta no facebook.

* Na área da ciência, embora o inglês seja o dominante, o português tem conseguido criar os seus espaços próprios de comunicação e publicação científica.

* Em 2023 a rede do ensino de Português no estrangeiro situa-se em 17 países - 13 da rede oficial e 4 da rede apoiada.

* Países em que se pode assinalar o sucesso do ensino de Português: Senegal, Estados Unidos da América, China, Venezuela, Espanha, França e Suíça.

* O projeto Plano de Incentivo à Leitura promove a leitura de autores portugueses, sendo um forte apoio para criar novos estímulos de interesse, sobretudo entre a infância e juventude, até porque os preços dos livros não são elevados.

Por que não aproveitar as Feiras do Livro para atualizar as nossas leituras de autores portugueses?

O Prazer da Leitura

PAULINA CHIZIANE *Prémio Camões 2021*

Mulher moçambicana, nasceu numa família protestante onde se falavam as línguas chope e ronga, mas foi na escola de uma missão católica que aprendeu a língua portuguesa iniciando, posteriormente, os estudos universitários de linguística.

Militante política na área da Frelimo, no período da sua juventude, optou por se dedicar à escrita.

Foi a primeira mulher que, em Moçambique, escreveu um romance.

Na cerimónia de receber o Prémio disse vir “de lugar nenhum” e que “aprendeu a escrever na areia do chão” pelo que estava muito feliz por o receber no Dia Mundial da Língua Portuguesa.

“Caminhei sem saber para onde ir, mas cheguei a algum lugar, que é este prémio”.

As suas obras colocam-nos perante realidades do mundo africano, suas tradições e aspirações de desenvolvimento.

Ao receber o Prémio defendeu que a Língua Portuguesa para ser de todos os países que a falam, precisa de tratamento, limpeza, democratização, dando como exemplo a maneira como algumas palavras surgem definidas em dicionários.

A Feira do Livro de Lisboa, aberta de 25 de maio a 11 de junho de 2023, será uma oportunidade de conhecermos a sua obra, editada pela “Caminho”.





“Na COP 15, países fizeram acordo histórico para proteger a natureza”.

Um acordo histórico para proteger a biodiversidade foi anunciado no encerramento da Conferência sobre Biodiversidade, COP 15, em Montreal, no Canadá, em dezembro de 2022.

Os países participantes concordaram em preservar um terço da natureza do planeta até 2030, com metas para a proteção dos direitos dos povos indígenas, de ecossistemas vitais, como florestas tropicais e pântanos. O texto adotado do quadro de Biodiversidade Global de Kunming-Montreal inclui várias metas importantes que enquadram as ações a serem tomadas, agora, para deter a perda desenfreada da biodiversidade e como será o seu financiamento, sendo o progresso monitorado e relatado.

PONTOS PRINCIPAIS

Manter, melhorar e restaurar ecossistemas, incluindo deter a extinção de espécies e manter a diversidade genética.

“Uso sustentável” da biodiversidade e, essencialmente, garantindo que espécies e habitats possam continuar fornecendo os seus serviços para a humanidade, como alimentos e água potável.

Garantir que os benefícios dos recursos da natureza, como remédios que vêm de plantas, sejam compartilhados de forma justa e igualitária e que os direitos dos povos indígenas sejam protegidos.

Investir e colocar recursos na biodiversidade, garantindo que o dinheiro e os esforços de conservação cheguem aonde são necessários.

A biodiversidade está relacionada em todos os seres vivos e à maneira como estão ligados, numa complexa teia de vida que sustenta o planeta.

Cientistas alertaram que, com a perda de florestas em taxas sem precedentes e os oceanos sob a pressão da poluição, os humanos estão empurrando a Terra para além dos limites seguros.

Isso inclui o aumento do risco de doenças, como SARs, COV-2, Ébola e HIV, que se espalham de animais selvagens para populações humanas.

Segundo o programa da ONU para o Desenvolvimento (PNUD), a comunidade global uniu-se e concordou com um caminho ambicioso. Mas, agora, é preciso levar adiante essa visão e concretizar as decisões.

Através da iniciativa “PNUD Natural Pledge”, a Promessa da Natureza do PNUD, juntamente com o programa da ONU para o Meio Ambiente, PNUMA, e outros parceiros, há um compromisso coletivo com as mudanças que podem transformar o rumo da crise da natureza.

Neste sentido mais de 140 países irão agora ser apoiados.

APOSTA NO FUTURO

Para o PNUD, o acordo é “um momento histórico de reconhecimento dessa verdade que, se correspondido com as ações previstas, pode definir um rumo para um futuro próspero, num planeta saudável, que não deixará ninguém para trás”.

Parcerias nacionais, com alcance global e suporte técnico, são fundamentais na mobilização da ação decisiva para enfrentar as crises climáticas.

As ações que se realizem pela natureza, são ações para reduzir a pobreza, alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável e melhorar a saúde humana.

José Carlos Ferreira





BREVES

Segundo a ONU, 10 em cada 40 pessoas não têm acesso a água potável.

No entanto, metade do que o mundo paga por água engarrafada garantiria o acesso universal a água saudável.

A Unesco revelou em 22 de março - Dia Mundial da Água - que o acesso mundial a saneamento básico não ultrapassa os 46%, o que corresponde a cerca de 3,6 bilhões de pessoas: 1bilhão = 1 milhão de milhões.

Na sua deslocação à Somália, no passado mês de abril, o Secretário Geral da ONU, António Guterres, alertou a sociedade internacional para a necessidade dum apoio urgente e em massa, no combate à escassez de água, após anos de seca extrema. Dos cinco milhões de habitantes, anualmente, cerca de 45.000 somalis morrem desidratados, sobretudo crianças com idade inferior a 5 anos.

EU VIM DE LONGE, DE MUITO LONGE O QUE ANDEI PARA AQUI CHEGAR...

(Canção de José Mário Branco)



Procuram chegar à Europa em busca duma vida que acreditam vir a ser diferente da que, lá longe, tinham que enfrentar em cada dia: guerras, perseguições políticas, religiosas, violações, clima insuportável, fome, sede...

Cada um tem diferentes histórias de vida. Não as narram. Vivem-nas na amargura da partida e na esperança que serão bem acolhidos por outros povos.

E, pelo caminho, enfrentam perseguições, prisões, escravatura humana, o perigo dos mares, mas continuam. Com eles vêm crianças e anciãos.

Nós europeus, com frequência reagimos, fechando portos, portas, os olhos.

Também temos dificuldades...dizemos.

Quando em **20 de junho** ouvirmos falar do **Dia Mundial dos Refugiados** abramos o coração, escutemos testemunhos.

Recuemos à memória dos anos da guerra colonial e lembremos os jovens - e não só - que partiram "a salto" para terras de França em busca duma vida mais digna.

Será uma forma de viver esta celebração. E nas nossas cidades cá os encontraremos.

Não interessa QUEM, QUANDO, ONDE. Estão um pouco por toda a parte, sobretudo no pequeno comércio de bairro. Quebrando a indiferença, falemos-lhes de seus países. Agradecerão a proximidade humana.

Maria Palmira Lopes



Foi na RTP 2 que acompanhei a entrevista do pintor e ceramista Manuel Cargaleiro, onde falou da sua nova exposição de pintura que pode ser apreciada, até 18 de junho, em Vila Nova de Gaia.

Aos 96 anos, com simplicidade, referiu que anseia transmitir otimismo através da sua obra e que continua a identificar-se como “o garoto simples que faz bonecos”.

“Quando me sento no cavalete de manhã, tento exprimir aquilo que sou. “O mundo está cheio de coisas horrorosas que metem medo, mas não quero transmitir isso. Quero transmitir o que é belo e bom.

É ao som de Mozart que inicio o meu trabalho”.

“Gostei muito de reencontrar quadros meus que fiz há 30, 40 ou 50 anos. Nunca mais os vira.

A forma como esta exposição está montada é uma novidade em Portugal

. Em Paris, cruzava-se “lá no bairro com o génio Picasso, com quem nunca falei porque um garoto não sabia o que perguntar a quem já sabia tudo”.

Manuel Cargaleiro contou a vários jornalistas que iniciou a venda de bonecos a 100 e 200 escudos na antiga Livraria Guimarães, na rua da Misericórdia, em Lisboa, e que começou a vida como ceramista sem saber, porque quando ia aos correios na Caparica (em Almada), onde os pais agricultores tinham uma quinta, ao lado trabalhava um oleiro. E fui assim que tudo começou...



Nos Teus Gestos

Nos teus gestos há animais em liberdade
e o brilho doce que só têm as cerejas.

É neles que adormeço, e dos teus dedos
retiro a luz azul dos arquipélagos.

Os teus gestos são letras, sílabas, poemas.

Os teus gestos são páginas inteiras. São
a tua boca a namorar na minha boca,
o cio dos séculos a saudar o tempo.

São os teus gestos que me acordam. Gestos
que vestem o silêncio fundo das ravinas

e assinalam a água dos desertos.

Os teus gestos são música. São lume.

São a respiração do teu olhar. A seara
de espigas que ondula no meu corpo



JOAQUIM PESSOA,

1948/2023

Autor de poemas muito conhecidos como “Lisboa Menina e Moça”, em parceria com Ary dos Santos, e de “Amélia dos Olhos Doces”.

Colaborou no programa da RTP “Rua Sésamo”.



JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE



Papa Francisco, que admiram, através das intervenções que ouvem, de apelos a que se esteja com as “periferias”, ou seja, com os mais fracos da sociedade, que se construa um planeta de paz e de ambiente humano e saudável, de educação e cultura, de associativismo juvenil, de destaque do papel das mulheres e seus valores, como obreiras duma nova era de respeito mútuo, qualquer que seja o sexo da população mundial.

Para já estão inscritos jovens de 181 países, de África, América Latina e América do Norte e, sobretudo, dos países europeus por estarem mais perto de Portugal e os gastos de viagens serem mais limitados.

Uma “invasão” vai estender-se por Portugal.

Segundo as atuais previsões, serão mais de um milhão de pessoas que, na semana de 1 a 6 de agosto, rumarão a Lisboa, após nos dias anteriores se encontrarem espalhadas por todo o país, convergindo para a capital nos últimos dois dias da JMJ.

Acolhidas por famílias, vão viver um pouco por todo o lado procurando conhecer realidades portuguesas das várias regiões em que permanecerão: cultural, associativa, industrial, agrícola, desportiva... Vão estar em casas pobres ou abastadas,

A sua alegria e risos vão confirmar-nos a

Força da Juventude que acredita na construção de um mundo fraterno e solidário, construído de sonhos e trabalho de suas mãos. Serão católicos, cristãos, judeus, islâmicos, outros sem prática de qualquer religião, mas todos unânimes em viver uma experiência única, fomentada pelo



Mas múltiplas iniciativas estão sendo fomentadas para que as despesas possam permitir deslocações de jovens vindos de muito longe.

Caros leitores, saiam de casa, percorram a pé as ruas da nossa Lisboa, inundem-se de juventude. Saúdem... chegarão ao fim do dia de espírito renovado.

O Olhar do Mocho



Desafio Fotográfico

Milhares, muitos milhares de fotografias irão ser recolhidas pelos participantes durante a Jornada Mundial da Juventude.

São imagens para recordar momentos especiais, para dar a conhecer a familiares e amigos que, lá longe, pelas redes sociais ou órgãos de comunicação social acompanharão o que está a acontecer em Portugal.

Pensámos lançar um Desafio aos nossos leitores.

Há instantes em que se consegue captar um elemento visual raro.

Um sorriso, um diálogo entre duas gerações, um equilíbrio físico para melhor se observar um acontecimento...

Por vezes ficamos surpreendidos e interrogamo-nos como foi possível aquela obra de arte fotográfica.

Quem, entre os leitores, por se encontrar em Lisboa em agosto, e pensar não ficar em casa, quer experimentar a sua veia artística?

Enviem-nos os vossos resultados inovadores.

Teremos muito gosto em os revelar, aqui, no “Olhar do Mocho”.



NOTAS SOLTAS

Eu choro por poucas coisas e uma das coisas porque choro, é que os homens não tenham um quarto de hora por dia para pensar.

Pascal

O importante não é vencer todos os dias, mas lutar sempre.

Waldemar Valle Martins

Maior que a tristeza de não haver vencido é a vergonha de não ter lutado!

Rui Barbosa

Enquanto houver vontade de lutar haverá esperança de vencer.

Santo Agostinho

Qualquer ideia magnífica é absolutamente fascinante e absolutamente inútil até a por-mos em prática.

Richard Back

Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal ninguém precisará de ensinar a amar seu semelhante

Albert Schweitzer – nobel da paz 1952

Nada peças nem perguntas.
Inventa o mundo.

Agostinho da Silva



CURIOSIDADES SOBRE LISBOA

CALÇADA PORTUGUESA



Rua Lopes de Mendonça

Dos exemplares policromáticos que existem em Lisboa, o da Rua Lopes de Mendonça, freguesia de Alvalade, é o mais colorido e único.

Ao longo do passeio, de cerca de 100 metros de comprimento, que acompanha a Escola Básica de São João de Brito, temos uma composição que inclui uma grande variedade de cores: preto, cinzento, amarelo, laranja, vermelho, sobre fundo branco.

Este trabalho, que nos lembra um bordado, é constituído por uma cercadura de heras negras interrompidas por tulipas e girassóis que envolvem borboletas e flores que nos sugerem as populares sardinheiras.

Se num primeiro momento somos atraídos pela particularidade das cores da calçada portuguesa desta via, num olhar mais atento observamos que se trata de uma produção que revela enorme dedicação, criatividade, gosto pela arte de calcetar e o domínio das técnicas de aparelhamento das pedras pelos artesãos calceteiros. Vejamos alguns detalhes.



Nas **TULIPAS** a aplicação de cores ou tons distintos e a introdução de pequenos apontamentos a preto e cinzento marcam as faces internas e externas das pétalas das 12

tulipas existentes. É ainda de salientar o extraordinário pormenor das pontas e bordas das folhas enroladas.

Nas **BORBOLETAS** a conjugação de cores nas várias partes do corpo formam as 14 borboletas, que resultam do mesmo molde, mas todas diferentes entre si.



E SEGUEM-SE JARDINEIRAS E GIRASSÓIS

Catorze composições geométricas diferentes nos centros das sardinheiras.

As folhas das 15 flores (uma das quais incompleta) apresentam um contorno feito minuciosamente de pequenos paralelepípedos cinzentos escuros que é preenchido com pedras de tom mais claro. Cada uma das pétalas possui uma linha fina no meio que enriquece a volumetria do desenho.

Espantosamente as figuras geométricas que formam o olho de cada uma das flores é única.

Vale a pena visitar este espaço de Arte Urbana.



Para todos os artistas, artesãos calceteiros, o nosso louvor e homenagem.



MAIO 21

**DIA DOS
VIZINHOS**

Conheço os seus passos, vozes, horários de saída para o trabalho, as músicas que inundam o prédio, o movimento das crianças com seus choros e gargalhadas.

Vieram de longe: Ucrânia, Guiné, S. Tomé, Brasil.

Nos quintais, ao ar livre, do prédio onde habito, com frequência algumas famílias fazem “patuscadas”, celebrando a amizade e aniversários.

Sei os seus nomes. Tenho acompanhado a gravidez de algumas mulheres porque me dizem que vem aí mais um bebé.

Já me chamaram para estar presente no primeiro banho e na primeira papa.

Nada de excepcional. Apenas uma aproximação quando entram de novo para o prédio. Somos apenas 10 inquilinos, o que favorece os contactos.

Por vezes telefonamo-nos quando estamos algum tempo sem nos vermos. Ajudamos os que vivem sós, quando precisam de comprar medicamentos ou alimentos e se encontram impossibilitados de sair de casa.

Acompanhei a angústia da família ucraniana perante a guerra no seu país e, também, por causa dos familiares que lá permanecem.

Tenho aprendido etapas variadas da cultura daqueles povos: como educam os filhos, manifestações exteriores de amizade ou gratidão. Os africanos não receiam deixar roupas e outros bens, durante o dia e noite em seus quintais.

Os brasileiros são cuidadosos, talvez pela experiência dos muitos assaltos no seu país.

Uma diversidade cultural que permite gestos solidários, diálogo e respeito mútuo.

Penso que é uma forma, simbólica, de construirmos pequenos e possíveis caminhos de Paz Universal.

Maria Palmira Lopes

FICHA TÉCNICA

Diretora

Olímpia de Almeida

Colaboradores Permanentes

*Alfredo Tomé
José Carlos Ferreira
Maria Palmira Lopes
Mário Bernardo
Olímpia de Almeida*

Revisor

Alfredo Tomé

Composição Gráfica

Maria Palmira Lopes

Local de Atividades

*Centro Cívico Edmundo Pedro
Rua Conde de Arnosó 5-B
1700-112 Lisboa*

Telefone

910962028

Site

<http://sites.google.com/site/academiasenioreslisboa>

E-Mail

acsslisboa@sapo.pt

*Com o apoio
da
Junta de
Freguesia
de Alvalade*

